

"EIS

QUE

A

**VIRGEM** 

CONCEBERÁ

E

# O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



DARÁ

À

LUZ

**UM** 

FILHO" (São Mateus I, 23)

ANO XXVII

NOVEMBRO/DEZEMBRO

2006

323/324

### Escrevem os Leitores

No último sábado estive presente à Santa Missa e recebi uma edição do periódico "O Desbravador". Gostaria de saber como recebê-lo em minha casa, pois é muito bem elaborado e fiel ao ensinamento católico. Também peço informações sobre a Santa Missa no Rito Tridentino, que conheci pessoalmente lá na igreja e que admiro muito. Gostaria de saber como um sacerdote diocesano pode aprender e celebrar neste Rito de São Pio V, que é um tesouro inigualável da Sagrada Liturgia Católica. Peço que todas as bênçãos de Deus sejam derramadas sobre os senhores!

PADRE TIAGO RONEY SANXO SÃO PAULO - SP

Venho através desta solicitar o recebimento deste periódico. Conheço a publicação há três anos e quando possível voltarei a enviar contribuições.

MARCELO ALBUQUERQUE MAGALHÃES SÃO PAULO - SP

Conheci "O Desbravador" há muitos anos, talvez 25 anos. Forneci o meu endereço e recebi os exemplares durante muitos anos. Quando mudei perdi o contato, mas hoje consegui enviar o meu endereço para voltar a recebêlo. Quero registrar os meus cumprimentos pelo trabalho perseverante, que só Deus poderá com justiça avaliar. Obrigada pela tarefa apostólica.

SUELI CARAMELLO ULIANO SÃO PAULO - SP

Gostaria de saber se essa obra maravilhosa está em atividade. Gostaria muito de ajudar para receber os exemplares em minha residência. Que Deus abençoe à todos com o amor de Maria, Nossa Mãe.

SILVIA SANDRE SÃO PAULO - SP

Gostaria muito de receber "O Desbravador" em minha casa. Eu o ganhei de um amigo e gostei muito.

ELIAS PEREIRA SOARES OSASCO - SP

Gostaria de começar a receber o jornal em minha casa e também gostaria de colaborar através de depósito. Que a Paz de Cristo esteja com vocês.

RODRIGO GONÇALVES DA SILVA SÃO PAULO - SP Imprimimos com



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

**DIRETOR**MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
PONU SONU SONU VEDÍSSIMO

RONILSON VERÍSSIMO NILTON RODRIGUES DOS SANTOS LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA CAIXA POSTAL - 1525 01059 - 970 SÃO PAULO SP e-mail – odesbravador@uol.com,br

### **Editorial**

É Natal. Nascimento do Menino Deus.

Quando vamos a um aniversário, procuramos agradar o aniversariante, presenteando-lhe com algo que ele queira ganhar.

Infelizmente na data do Nascimento de Nosso Senhor, pensamos em tantas coisas e tantas pessoas, mas nos esquecemos do Aniversariante. Compramos presentes para as crianças, os adultos e os velhos. Preparamos lautas refeições, regadas com os melhores vinhos, enfeitamos nossa casa, nosso comércio. Mas, esquecemos do principal: Nosso Senhor Jesus Cristo.

Vai, então, aqui essa lembrança e reflitamos como vamos presentear ao Divino Menino.

Nosso Senhor veio ao mundo para nos salvar e o presente que mais O agrada é a nossa alma é o nosso coração.

Apesar de nossas misérias, apesar de nossos pecados, se nos arrependermos, se nos confessarmos, e ofertarmos esse coração arrependido a Ele, pelas mãos de Nossa Senhora, Ele o aceitará e nos dará graças e bênçãos escolhidas. Nosso Senhor nos fará seus amigos.

E, somente assim, o Natal será verdadeiramente feliz, o Natal será Santo e será o começo de uma grande jornada que culminará na Glória Eterna.

Somente com Nosso Senhor O Natal será Natal. Somente com Ele sua vida será digna de ser vivida. Somente assim, haverá uma razão digna para sua existência.

Um Natal assim feliz é o que lhe desejamos, caro leitor, amiga leitora.

- Para receber "O Desbravador" basta mandar seu endereço, com CEP seja para o endereço do Correio (Caixa Postal 1525 — 01059-970 — São Paulo SP) ou por e-mail: (odesbravador@uol.com.br) e gratuitamente receberá bimestralmente a publicação em seu endereço, em qualquer ponto do Brasil.



## "...Recomendei a Caridade"

Santo Agostinho

...Irmãos, desenvolvi estas considerações talvez um pouco longamente demais. Mas assim foi preciso, pois queria recomendar com afinco o valor da caridade. Se a caridade não existir em vós, nada dissemos. Mas se existir, será como se tivéssemos jogado óleo sobre a chama. Talvez, tenha ela se acendido igualmente nos corações onde ainda não estava. No primeiro caso, a caridade se desenvolverá mais. No outro, ela se iniciará.

Nossa intenção ao tecer estas considerações era que não esmoreçais no amor aos inimigos.



- ❖ Enfurece-se um homem contra ti? A seu furor responde com a prece. Enraivece-se? Compadece-te. Ele te odeia, por causa da febre de sua alma. Ao recuperar a saúde te dará graças.
- \* Como amam os médicos a seus pacientes? Será como a doentes?
- ❖ Se for como a doentes, eles haveriam de querer vê-los sempre doentes. Mas não!
- ❖ Eles amam os doentes não para estes permanecerem na doença, mas para que sejam curados
- ❖ E por vezes, quanto os médicos não sofrem da parte de seus pacientes frenéticos! Quantos insultos em palavras. Chegam até aos sopapos.
- ❖ O médico persegue a febre, mas perdoa o homem.
- ❖ E o que direi, ainda, irmãos? De certa forma, o inimigo é amado por ele.
- ❖ Não que ele não odeie o inimigo que é a doença, mas ele ama o doente de quem recebe os sopapos... Odeia é a febre.
- ❖ Mas de quem ele apanha? Da doença, da enfermidade, da febre.

- ❖ O médico quer destruir o que se opõe a ele. Luta para que fique só o que provocará a gratidão do doente. Faze o mesmo!
- ❖ Se o teu inimigo te odeia e o faz injustamente - reconhece que ele está dominado pela cobiça do mundo. É por causa disso que ele te odeia. Se tu também o odiares, devolverás o mal com o mal
- Ora, de que serve pagar o mal com o mal?
- ❖ Eu estava chorando sobre um só doente aquele que te odeia agora, choro sobre dois, se por teu lado tu também odeias.
- ❖ Mas ele persegue o que te pertence? Quer tirar-te não sei que bens que possuis na terra?
- ❖ Eis por que tu o odeias: porque ele te causa dificuldades neste mundo.
- ❖ Não sofras tais apertos, emigra para mais alto, para o céu! Lá, o coração terá mais espaço e não sofrerás nenhum aborrecimento, na certeza da vida eterna.
- ❖ Considera o que teu inimigo tira de ti e o que ele não poderia te tirar, sem receber permissão daquele que "castiga todo filho a quem acolhe" (Hb 12,6).



- ❖ Teu inimigo é para ti como o instrumento de que Deus se serve para curar as feridas de tua alma. Se Deus julga que te é útil seres espoliado, ele permite que o sejas. Se ele julga que te é útil seres batido, ele permite que apanhes.
- ❖ Ele serve-se de teu inimigo para te curar. Pede a Deus que ele - o teu inimigo - também seja curado. (Santo Afonso Maria de Ligório)

#### O VERBO ETERNO DE GRANDE SE FEZ PEQUENO



Parvulus natus est nobis et Filius datus est nobis.

Nasceu-nos um Menino e foi-nos dado um filho. (Is 9.6)

Platão dizia que o amor atrai o amor. Magnes amoris, amor. Daí o provérbio citado por S. João Crisóstomo: Se queres ser amado, ama. De fato, o mais seguro de cativar-se o afeto duma pessoa, é amá-la e dar-lhe a entender que é amada.

Mas, Jesus meu, essa regra, esse provérbio é para os outros, para todos os outros e não para vós. Os homens são gratos para com todos, menos para convosco. Não sabeis o que mais fazer para testemunhar aos homens o amor que lhes tendes; nada mais vos resta a fazer para conquistardes o coração dos homens. E quantos são os que vos amam? Ah! a maior parte, digamos melhor, quase todos não só não vos amam, mas nem sequer vos querem amar. Ainda mais: vos ofendem e desprezam.

Queremos também nós ser do número desses ingratos? Oh! não, não o merece esse Deus tão bom, tão amante que, sendo grande, e duma grandeza infinita, quis fazer-se pequeno para ser amado por nós. — Peçamos a Jesus e Maria que nos esclareçam.

1.

Para se compreender qual foi o amor que determinou a um deus fazer-se homem e criancinha em favor dos homens, seria preciso ter uma idéia da grandeza de Deus. Mas que homem ou que anjo poderia compreender a grandeza divina que é infinita?

Segundo S. Ambrósio, dizer de Deus que ele é maior que os céus, que todos os reis da terra, que todos os santos é fazer-lhe injúria, como seria injuriar a um príncipe

o dizer que ele é maior do que um calamo de erva ou uma mosca. Deus é a grandeza mesma, e toda a grandeza é apenas uma mínima parcela da grandeza de Deus.

Considerando essa divina grandeza, convencido de sua absoluta incapacidade para compreendê-la, Davi exclamou: "Senhor, onde encontrar uma grandeza comparável à vossa?" De fato, como poderia uma criatura, cuja inteligência é finita, compreender a grandeza de Deus, a qual não tem limites: Grande é o Senhor, cantava o mesmo profeta; ele é digno de todo o louvor, e sua grandeza é infinita. — Não sabeis, disse Deus aos judeus, que eu encho o céu e a terra? De sorte que para falarmos segundo o nosso modo de entender, não passamos de atomozinhos imperceptíveis nesse imenso oceano da essência divina. Dizia o apóstolo: "NEle temos a vida, o movimento e o ser".

Que somos nós em relação a Deus? Que são todos os homens, todos os monarcas da terra, e mesmo todos os santos e todos os anjos do céu diante da infinita grandeza de Deus? Somos menos que um átomo relativamente ao mundo inteiro, e para falarmos como Isaías, todas as nações são na presença de Deus como a gota d'água suspensa no bordo do vaso, como o peso que faz pender apenas a balança, e todas as ilhas não são senão um pouco de pó, numa palavra, todo o universo é diante dEle como se não existisse.

学举名

Ora esse Deus tão grande se fez criança, e para quem? Por nós: Nasceu-nos um Menino, disse ainda Isaías. Mas para que fim? S. Ambrósio responde: "Fez-se pequeno para nos tornar grandes; quis ser envolvido em paninhos para nos livrar das cadeias da morte; desceu à terra a fim de que pudéssemos subir ao céu".

Eis pois o Ser imenso feito criança; Aquele que os céus não podem conter, ei-lo enfeixado em pobres paninhos, e deitado num presépio estreito e grosseiro, sobre um pouco de palhas que lhe servem de leito e de travesseiro! S. Bernardo exclama: Vinde ver um Deus que pode tudo, preso em paninhos de sorte a não poder moverse; um Deus que sabe tudo, privado da palavra; um Deus que governa o céu e a terra, necessitando ser carregado nos braços; um Deus que nutre todos os homens e todos os animais, precisando dum pouco de leite para viver; um Deus que consola os aflitos, que é a alegria do paraíso, e que chora, que geme e que procura quem O console!

Em suma, diz S. Paulo que o Filho de Deus vindo à terra se aniquilou a si próprio. E por que? para salvar o homem e para ser por ele amado. "Meu divino Redentor, exclama S. Bernardo, na medida que vos abaixastes fazendo-vos homem e criança brilharam a misericórdia e o amor que nos mostrastes a fim de ganhar os nossos corações".

Embora os Hebreus tivessem claro conhecimento do verdadeiro Deus que se lhes manifestara por tantos milagres, não estavam satisfeitos. Queriam vê-lo face a face. Deus achou o meio de contentar também esse desejo dos homens. Tomou a natureza humana e tornou-se visível a seus olhos, diz S. Pedro Crisólogo. E para melhor se insinuar aos nossos corações, continua o mesmo Santo,

quis mostrar-se primeiro como uma criancinha, porque nesse estado ele devia parecer-nos mais grato aos nossos afetos. Sim, acrescenta S. Cirilo de Alexandria, ele se abaixou à humilde condição duma criancinha a fim de se tornar mais agradável aos nossos corações. Era esse, com efeito, o meio mais próprio para se fazer amar.

O profeta Ezequiel tinha pois razão de dizer, ó Verbo encamado, que a época da vossa vinda à terra devia ser o tempo do amor, o tempo dos que amam. E com efeito por que outro motivo Deus nos amou tanto e nos deu tantas provas de seu amor, se não para ser amado por nós? Deus só ama para ser amado, diz S. Bernardo. Aliás o Senhor mesmo o declarou desde o início: E agora, ó Israel, que é o que o Senhor teu Deus pede de ti, se não que O temas... e

O ames (Dt 10,12).

Para obrigar-nos a amá-lo, Deus não quis confiar a outrem o negócio de nossa salvação, mas quis fazer-se homem e vir resgatar-nos em pessoa. S. João Crisóstomo faz uma bela observação sobre a expressão de que se serve S. Paulo ao falar desse mistério; Ele nunca tomou a natureza dos anjos, mas tomou a carne dos filhos de Abraão. Porque, pergunta ele, não diz o apóstolo simplesmente que Deus se revestiu da carne humana, mas que a tomou como que à força, segundo a significação própria do vocábulo Apprehendit? E responde: disse assim por metáfora, para explicar que Deus desejava ser amado pelo homem, mas o homem lhe voltara as costas e não queria reconhecer o amor que Deus lhe tinha. Eis por que desceu do céu e tomou um corpo humano para se fazer conhecer e amar, como que à força, pelo homem ingrato que dele fugia.

É por isso que o Verbo Eterno se fez homem, e é também por isso que Ele se fez criança. Ele poderia apresentar-se sobre a terra como homem feito à semelhança do nosso primeiro pai Adão, mas o Filho de Deus preferiu mostrar-se ao homem sob a forma duma graciosa criança, a fim de ganhar mais depressa e com mais força o seu coração. As crianças são amáveis por si mesmas e atraem o amor de quem as vê. O Verbo divino fez-se menino, diz S. Francisco de Sales, a fim de conciliar o amor de todos os homens.

Ouçamos S. Pedro Crisólogo: "Não é por ventura; desse modo que deveria vir a nós Aquele que queria banir o temor e fazer reinar o amor? Que alma haverá tão feroz que se não deixe vencer pelos encantos dessa criança? Que coração tão duro que se não enterneça à sua vista? e que amor não exige Ele de nós? Assim pois quis nascer Aquele que queria ser amado e não temido". O Santo Doutor nos faz compreender que, se o divino Salvador quisesse, vindo ao mundo, fazer-se temer e respeitar pelos homens, ter-se-ia apresentado sob a forma dum homem perfeito e cercado da dignidade régia. Mas, como procurava apenas ganhar os nossos corações, quis aparecer no meio de nós como uma criança, e como a criança mais pobre e humilde, nascida numa fria gruta entre dois animais, colocado sobre a palha num presépio, sem lume e envolta em paninhos insuficientes para defendê-la do frio: Assim quis nascer Aquele que queria ser amado e

não temido! Ah! meu Senhor e meu Deus, quem pois vos obrigou a descer do trono dos céus, para nascerdes num estábulo? Foi o amor que tendes aos homens! Quem vos arrancou da destra do Pai Eterno, onde estais assentado, e vos deixou numa vil manjedoura? Vós que reinais sobre a abóbada estrelada, quem vos estendeu sobre a palha? Quem do meio dos anios vos fez residir entre dois animais? Foi o amor. Vós abrasais os serafins, e tremeis de frio! Vós sustendes o céu, e é preciso que vos levem nos bracos! Vós nutris homens e animais, e tendes necessidade dum pouco de leite para vos sustentar! Vós sois a felicidade dos Santos, e eu vos ouço chorar e gemer! Quem pois vos reduziu a tão grande miséria? Foi o amor: Assim quis nascer Aquele que queria ser amado, e não temido!



Amai, pois, almas cristãs, exclama S. Bernardo. amai essa criança que é tão amável! "Grande é o Senhor, merece louvores infinitos; pequeno é o Senhor, merece infinitamente nosso amor". Sim, diz-nos ele, esse Deus era desde toda a eternidade, como o é ainda agora e sempre, digno de todo o louvor e respeito por sua grandeza, como já cantou Davi: Grande é o Senhor, e muito digno de louvor. Hoje porém que o vemos feito menino, necessitado de leite, sem se poder mover, tremendo de frio, vagindo, chorando, procurando quem o peque, aqueça e console; ah! como é amável e caro aos nossos corações. O Senhor é pequeno e excessivamente amável!

Devemos adorá-lo como Deus, mas o nosso amor deve igualar à nossa veneração para com um Deus tão amável e tão amante.

"Uma criança, observa S. Boaventura, gosta de achar-se entre crianças, no meio de flores e nos braços dos que a amam". Se quisermos comprazer ao divino Infante, quer dizer o Santo, devemos tornar-nos crianças com ele, isto é, simples e humildes, levar-lhe flores das virtudes, mormente as da mansidão, da mortificação, da caridade; tomá-lo em nossos braços com amor.

"Que queres mais, ó homem, acrescenta S. Bernardino de Sena, que esperas ainda para te dares sem reserva a teu Deus? Considera as penas que Jesus sofre por ti; vê com que amor esse terno Salvador desceu do céu para te procurar. Não ouves os seus gritos, os seus vagidos infantis? Apenas nascido, dirige-se a ti escuta como ele te chama com seus vagidos. Ó alma a quem amo, parece dizer-te, eu te procuro; é por amor de ti, para obter o teu amor que vim do céu à terra".

Ó Deus, os próprios animais, quando lhes fazemos algum benefício, quando lhes damos alguma coisa, mostrani tanto reconhecimento! Vem a nós, obedecem-nos a seu modo como sabem, testemunham-nos alegria ao vernos. E nós, como podemos ser tão ingratos para com Deus, que se cieu a nós, que desceu do céu à terra, se fez menino para nos salvar e ser de nós amado? Amemos pois o Menino de Belém! exclama o seráfico S. Francisco. Amemos a Jesus Cristo que com tanto empenho procurou ganhar os nossos corações!

Se amamos a Jesus Cristo, devemos amar o nosso próximo, mesmo os que nos ofenderam. O Messias foi chamado, por Isaías, o pai do século futuro. Ora, para sermos filhos dum tal Pai, devemos amar os nossos inimigos e fazer bem aos que nos fazem mal. É o Senhor mesmo quem nos declarou: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que nos fazem mal. É o Senhor mesmo quem nos declarou: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam..., para serdes filhos do vosso Pai. Ele mesmo, aliás, deu-nos o exemplo dessa caridade quando pediu a seu Pai celeste que perdoasse aos que o crucificavam.

Quem perdoa a seu inimigo, diz S. João Crisóstomo, não pode deixar de obter o perdão de seus próprios pecados. Isso até nos é garantido por uma promessa divina: Perdoai, e vos será perdoado. — Um religioso que aliás não levara vida muito exemplar, deplorava seus pecados na hora da morte, mas com muita confiança e alegria, pois dizia que jamais havia tomando vingança. Ele queria dizer: É verdade que ofendi a Deus; mas o Senhor prometeu perdoar aos que perdoam a seus inimigos; eu sempre perdoei aos que me ofenderam, devo pois estar seguro de que Deus perdoará também a mim.

E falando em geral do que concerne a todos, como podemos recear não obter o perdão de nossos pecados, quando pensamos em Jesus Cristo? Não foi para reconciliar os pecadores com Deus que o Verbo Eterno se humilhou ao ponto de revestir-se da natureza humana? Não vim chamar os justos, disse ele, mas os pecadores. Digamos-lhe pois com S. Bernardo: "Sim, Senhor, abaixando-vos assim por nós, mostrastes até onde se estendeu a vossa misericórdia e a vossa caridade para conosco". E tenhamos confiança, como nos exorta S. Tomás de Vilanova com as palavras: "Que temes, pecador? se te arrependeres de teus pecados, como te condenará aquele Senhor que morre para não te condenar? E se queres voltar novamente à sua amizade, como te repelirá aquele que veio do céu para te procurar?"



Não tema pois o pecador que não quer mais ser pecador, mas quer amar a Jesus Cristo; não se apavore mas confie. Se detesta o pecado e procura a Deus, longe de se afligir, alegre-se, como a isso o convida o Salmista. O Senhor protesta que quer esquecer-se de todas as ofensas dum pecador que se arrepende. Se o ímpio fizer penitência, já me não recordarei de todas as suas iniquidades. E para nos inspirar ainda mais confiança, nosso divino Salvador se fez menino. "Quem temeria aproximar-se duma criança?" pergunta S. Tomás de Vilanova. As crianças nada têm de terrível, respiram só doçura e amor.

As crianças, diz S. Pedro Crisólogo, não sabem encolerizar-se, se lhes acontece irritarem-se, facilmente se acalmam. E de fato, basta apresentar às crianças uma fruta, uma flor, fazer-lhes uma carícia, dizer-lhes uma palavra afetuosa. Perdoam logo e esquecem todas as ofensas a elas feitas.

Também, acrescenta S. Tomás de Vilanova, uma lágrima, um sentimento de arrependimento basta para

aplacar o Menino Jesus. Vamos pois lançar-nos a seus pés, conclui ele, agora que esse bondoso Mestre depôs sua Majestade divina e se oferece a nós sob a forma duma criança para dar-nos coragem e nos atrair a ele.

S. Boaventura diz igualmente que o Filho de Deus se apresenta aos nossos olhos como uma criança cheia de doçura e misericórdia, para nos liberar do medo que nos poderia causar o pensamento de seu poder e justiça. Ó Deus de misericórdia, ajunta Gerson, ocultastes vossa sabedoria suprema sob as aparências duma criancinha a fim que ela nos não acuse de nossos pecados! Ocultastes a vossa justiça no abaixamento a fim que ela nos não condene! Ocultastes o vosso poder na fraqueza a fim de que ela nos não puna!



S. Bernardo por sua vez faz esta reflexão: Quando Adão pecou, ouviu a voz de Deus, que o chamava dizendo: Adão, onde estás? e ficou tomado de pavor: Ouvi a vossa voz, respondeu e tive medo. Mas o Verbo Eterno, aparecendo sobre a terra como homem, nada mais tem que inspire temor. Por isso o Santo exorta-nos a banirmos dos corações todo sentimento de temor: "O vosso Deus, diz ele, desta vez procura-vos não para vos punir mas para vos salvar". O Deus que devia punir-te fez-se menino; a sua voz já te não espanta, porque a voz dum menino pequeno, sendo voz de prantos, inspira antes compaixão do que temor; não podes já temer que Jesus Cristo estenda as mãos para castigar-te, pois que sua terna Mãe as retém e encerra em paninhos.

Alegrai-vos, pois, ó pecadores, exclama S. Leão: o nascimento de Jesus é a aurora de alegria e de paz. — Ele é chamado por Isaías o Príncipe da paz. Jesus é Príncipe, não de vingança contra os pecadores, mas de misericórdia e de paz: constituiu-se Mediador de paz entre Deus e os pecadores. Se não podemos pagar a justiça divina, diz S. Agostinho, o Pai Eterno não pode desprezar o sangue de Jesus Cristo, que satisfaz por nós.

O célebre duque Afonso de Albuquerque, transpondo os mares, viu um dia o seu navio no risco de dar contra os escolhos. Julgava-se já perdido, quando, percebendo uma criança que chorava, a tomou nos braços e erguendo-a para o céu exclamou: "Senhor, se eu não mereço ser atendido, atendei ao menos os prantos desta criança inocente, e salvai-nos". Terminada a prece, a tempestade acalmou-se e desapareceu o perigo. — Sigamos esse exemplo, nós, miseráveis pecadores.

Temos ofendido a Deus; merecemos ser condenados à morte eterna; com razão quer a justiça divina ser satisfeita. Que temos a fazer? Desesperar? Oh! não: ofereçamos a Deus essa terna criancinha que é o seu Filho, e digamos-lhe com confiança, "se não podemos expiar as ofensas que vos temos feito, lançai os olhos sobre o Divino Infante, que geme, que chora, que treme de frio sobre a palha nesta gruta; Ele satisfaz por nós e vos pede misericórdia. Se não merecemos o perdão dos nossos pegados, considerai os sofrimentos e as lágrimas do vosso Filho inocente, que o merece por nós e vos pede misericórdia."

Esse meio de salvação é precisamente o que S. Anselmo nos indica. Ele diz que Jesus mesmo, querendo nos não ver perdidos, encoraja a quem se acha réu diante

de Deus nestes termos: "Pecador, toma ânimo; se tuas iniquidades já te fizeram escravo do inferno e não tens meio de te livrares dele, toma-me, oferece-me a meu Pai; assim escaparás à morte e te salvarás. Será possível imaginar-se maior misericórdia?" pergunta o Santo Doutor. A Mãe de Deus ensinou o mesmo à Irmã Francisca Farnese. Colocou-lhe nos braços o Menino Jesus e disselhe: "Eis o meu Filho; aproveita-te dele oferecendo-o muitas vezes a Deus".

E se quisermos estar ainda mais seguros do perdão, reclamemos a intercessão dessa augusta Mãe, que é toda poderosa junto de seu divino Filho para obter o perdão aos pecadores, como ensina S. João Damasceno. E com razão, porque, segundo S. Antonino, as preces de Maria junto dum Filho que tanto a quer e deseja vê-IA honrada, têm o valor de ordens. É isso que faz dizer a S. Pedro Damião, que quando a SS. Virgem vai pedir a N. Senhor em favor de algum de seus servos, ela parece antes mandar que pedir: "Vós vos aproximais do trono de Jesus, não só para lhe suplicar, mas para em certo sentido lhe dar ordens, e antes como Rainha do que como serva, porque, para honrar-vos, o vosso Filho nada do que lhes pedis vos recusa". Também S. Germano ajunta que Maria, em virtude da autoridade materna que exerce, ou, para melhor dizer, que exercera outrora sobre a terra a respeito de seu divino Filho, pode impetrar o perdão aos maiores pecadores.

#### Afetos e Súplicas.

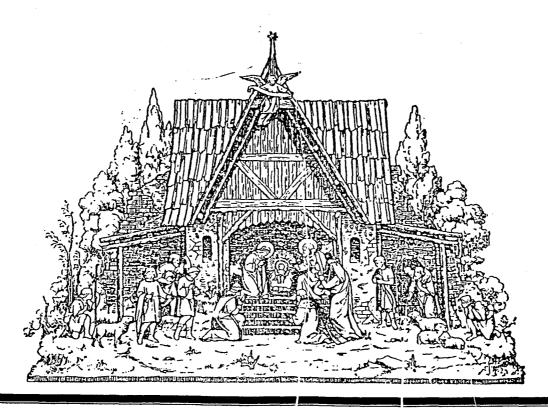
Ó doce, ó amável e santo Menino, tudo fizestes para vos fazer amar dos homens. Basta dizer que de Filho de Deus vos fizestes Filho do homem, e que quisestes nascer não só como todos os outros filhos dos homens, porém mais pobre e mais humilhado que todos os outros, escolhendo para habitação um estábulo, e para leito um pouco de palha!

Quisestes mostrar-vos a nós, a primeira vez, nessa humilde e tocante condição de criança, para começar a ganhar os nossos corações desde o vosso nascimento. E depois continuastes, durante toda a vossa vida, a dar-nos provas sempre maiores de vosso amor, até morrerdes exangue e desonrado num patíbulo infame! Donde vem pois a ingratidão dos homens para convosco? Tampouco vos conhecem, e menos ainda vos amam! Ó meu Jesus, quero ser do pequeno número destes últimos. É verdade que no passado eu vos desprezei e, esquecendo o vosso amor, só procurei satisfazer-me, sem fazer conta de vós e de vossa amizade. Mas hoje vejo o mal que fiz, sinto dor e arrependimento de todo o coração. Caro Infante, meu Salvador, perdoai-me pelos méritos de vossa santa infância. Amo-vos, meu Jesus, e vos amo tanto que, mesmo que todos os homens se separassem de vós e vos abandonassem, eu vos prometo de vos não deixar jamais, ainda que tivesse de perder mil vezes a vida. Estas luzes e esta boa vontade que agora tenho vós mas destes. Agradeço-vos, meu amor, e vos peço me conserveis com vossa graça. Mas conheceis a minha fraqueza e as minhas infidelidades passadas. Por piedade não me abandoneis; do contrário tornar-me-ei pior do que antes. Permiti que meu pobre coração vos ame, ó Divino Infante. Este coração outrora vos desprezou, mas hoje está todo enamorado de vossa bondade.



Ó Maria, gloriosa Mãe do Verbo encamado, não me abandoneis vós que sois a Mãe da perseverança e a dispenseira das graças. Ajudai-me e ajudai-me sempre. Com o vosso socorro, ó minha esperança, confio ser fiel a Deus até a morte.

(Santo Afonso Maria de Ligório)



### NAS RECENTES ELEIÇÕES, O QUE NÃO SE FALOU

Atravessamos nos últimos meses, um intenso processo eleitoral.

Ataques entre os candidatos, debates econômicos, festivais de índices. De passagem, dados difíceis de se acreditar. Em uma mesma ocasião, um candidato falou que seu governo enviara 230 milhões para um Estado. Minutos após falou em 300 milhões e finalmente 330 milhões. Quando os fatos eram corretos? Não sabemos.

Mas, afora isso o que se viu foi um silêncio enorme sobre as questões mais profundas e candentes.

Sim, vivemos imensa crise de valores. A família está em frangalhos, a juventude entregue às drogas, abortos praticados país afora, passeatas enaltecendo vícios e perversões, a nossa Santa Religião perdendo milhares de adeptos, as novelas espalhando uma maneira de viver sem Deus e desses temas e de outros afins ninguém falou, como se o preço da cebola fosse mais importante que a instituição da família ou as batatas fossem mais importantes que as almas.

Propositadamente fugia-se desses temas para não parecerem retrógrados e ultrapassados os candidatos.

Acorre-nos aqui um fato paralelo ocorrido em 1871 ao fim da guerra Franco-Prussiana.

Os franceses já quase haviam perdido a guerra, mas alguns oficiais recusavam-se a parar a luta.

Um ministro então cobrou de um desses oficiais que se cessasse a luta para se evitar a destruição material do país. Ao que o general retrucou: "O país sempre se reerguerá de suas ruínas materiais, mas jamais da derrocada moral".

Exato! Os políticos só falam em dólar a tanto, inflação a quanto, ou coisas similares, mas se esquecem que nascemos como Terra de Santa Cruz que é o que o Brasil deve ser e que se não for deixará de ser Brasil, e então, rompendo com seu passado, coberto de bênçãos e glórias, tornar-seá uma nação sem razão de existir.





#### "JESUS NAZARENUS, REX JUDEORUM"

A passagem que se vai ler é tirada do "Espelho de Exemplos". Um jovem inglês, muito piedoso, chamado Edmundo, estava no campo com outras crianças de sua idade. Como amava a oração e a solidão, separou-se de seus companheiros para passear à parte num prado, fazendo afetuosos atos de amor a Jesus Cristo. De repente, um menino encantador se lhe apresentou e o saudou com as palavras: "Deus te guarde, meu caro Edmundo!" Perguntou-lhe depois se o conhecia. Edmundo respondeu que não. "Como não?" Replicou o celeste Menino. "Não conheces a mim que estou sempre a teu lado? Pois bem! Se me queres conhecer, olha-me o rosto". Edmundo, olhando para ele, leu em sua fronte as palavras: Jesus Nazarenus, Rex Judaeorum: Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus. — Então o santo Menino ajuntou: "Eis o meu nome, e quero que, em memória do amor que te tenho, faças todas as noites o sinal da cruz em tua fronte pronunciando-o. Com isso serás preservado da morte repentina, bem como todos os que fizerem a mesma coisa".

Edmundo continuou depois a persignar-se com o nome de Jesus. Uma vez o demônio agarrou-lhe a mão para que não pudesse fazer; mas ele o venceu pela oração, e o obrigou a dizer qual a arma que ele mais temia. O demônio confessou que eram aquelas palavras com que se persignava.



#### "COLOCA-O EM TEU PIANO"

O padre Zucchi, da Cia de Jesus, tinha grande devoção ao Menino Jesus, cujas imagens o ajudavam a ganhar muitas almas para Deus. Conta-se em sua vida, que um dia ofereceu uma dessas imagens a uma moça, que vivia em grande inocência, mas que estava longe de pensar em fazer-se religiosa. Ela aceitou o presente, mas disse sorrindo: "Que devo fazer desse pequeno Menino?" O Padre, sabendo que ela gostava muito de, música, respondeu-lhe: "Coloca-O em teu piano". E ela o fez. Assim, tendo sempre o santo Menino diante dos olhos, a jovem teve muitas vezes ocasião de o considerar; começou a sentir devoção; depois concebeu desejo de tornar-se melhor, de sorte que o seu instrumento a movia mais à oração do que à música. Enfim, tomou a resolução de deixar o mundo e abraçar o estado religioso. Quando, cheia de contentamento, contou ao padre Zucchi que o Menino lhe ganhara o coração e que, desprendendo-a das afeições terrestres, conquistara todo o seu amor, entrou no convento e levou vida perfeita.

#### S.O.S. - PEDIMOS AUXÍLIO

- O Desbravador é gratuito e com o auxílio de Nossa Senhora continuará a sê-lo.
- As despesas, são muitas e para fazer frente aos gastos contamos com sua colaboração.
- ♦ Qualquer quantia é bem-vinda.
- Para nos ajudar há duas maneiras: Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

#### BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

#### **BRADESCO**

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

Ou então mande-nos um cheque nominal e cruzado em nome do Grêmio Santa Maria, para nossa Caixa Postal – 1525 – 01059-970 São Paulo- SP

**QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE** 

### A PALAVRA DADA

Tempos houve em que a palavra dada era tão honrada e, ao mesmo tempo, tão respeitada que, em boa medida, o homem valia enquanto honrava esta mesma palavra. Cumpri-la era dever; faltar com ela era vilania repudiável.

O tempo passou e com a decadência total vivida pelo homem moderno, a palavra tornou-se para muitos, um mero "farrapo de papel" que não tem nenhum valor e que até é motivo de risos e de chacotas.

Esse desrespeito ao prometido vale tanto nas relações de amizade, como nos negócios. E chega a ser comum também, entre os governantes das nações, que habitualmente faltam hoje com aquilo que prometeram ainda ontem.



SÃO LUIZ IX

MODELO DE CATÓLICO, EXEMPLO DE GOVERNANTE, "FIEL
CUMPRIDOR DA PALAVRA DADA

Como isso é horrível! Como seria maravilhoso que a palavra dada voltasse a ter o valor que outrora possuía. Vejamos alguns casos do passado, para que admiremos os que cumprem com o que se apalavraram e, não só isso, para que possamos sempre cumprir o que legitimamente prometemos.

#### SÃO LUIZ IX, REI DA FRANÇA

São Luiz IX, Rei da França, é tido como modelo de estadista. Sua bondade e firmeza reluziram em todo seu reinado. Seu senso de justiça é lendário até hoje. Sua fidelidade à Santa Igreja foi modelar. E, ao lado dessas e de outras virtudes devemos também ressaltar o seu amor em cumprir a palavra dada. Não somente a dele, como veremos no exemplo seguinte.

Certa feita, examinando documentos antigos, o grande rei encontrou um tratado pelo qual seu avô, também rei, se comprometia a entregar ao rei da Inglaterra, uma porção do território francês. Tal tratado caíra no esquecimento. São Luiz, mais do que depressa, escreve ao rei inglês e pede que este venha se apoderar do que era seu, por tratado. O santo rei fazia isso por justiça e também para cumprir a palavra de... seu avô.

#### A PALAVRA DADA A BAYARD

Nos anais guerreiros do século XVI, sobressai um cavaleiro francês pela coragem e ousadia: Bayard, conhecido como o cavaleiro sem mancha e sem medo.

Numa batalha contra os ingleses, o famoso soldado desarmou e poderia ter morto um oponente inglês. Este. então. implorou misericórdia e pediu para não ser morto. Bayard concordou, desde que o inglês lhe desse a palavra de cumprir três colsas: seria seu prisioneiro, defenderia sua vida e acompanha-loia até o acampamento francês. O soldado inglês lhe deu a palavra. Logo após aparecem as tropas inglesas e se regozijam por terem aprisionado a Bayard, o mais famoso soldado francês. Ao quererem aprisioná-lo, porém, este chama o soldado que dera sua palavra e pede que este relate o acontecido.

Diante disso, não só Bayard não foi aprisionado, como ainda levou prisioneiro para seu acampamento o soldado adversário. Os

ingleses-permitiram isso para honrar a palavra dada não spor um oficial, mas por um simples som soldado raso por sievinas que no sevina soldado raso por sievinas que no sevinas que no se

# OUR POR BOTH TO STATE OF BORRY OF STREET OF BARBA E A PALAVRATION OF BORRY OUR OF THE EMPENHADAD OF HEAD STREET OF STREET

legizm anome p-

Ainda hoje, é comum se referir ao tempo em que um fio de barba valia pela palavra. De onde vem isso?

Um dos heróis da repopéia dos descobrimentos e conquistas portuguesas foi dos Dom João de Castro, denominado por Camões, a la nos Lusíadas, de "O Castro Forte", el a maia a la maia a la

J. 225. 34

The of Bushell of seem others

Deloão foi vice-rei português ma Índia. As also colônias português às, nesse país, ceram cidades and costeiras. Deloão tinha a sede do vice-reinado em a Goale Numa ocasião, outra cidade portuguesa; a Diu, se eviú cercada pelos infiéis tras muçulmanos que, a com 1100 mil bhomens, is un cercaram os portugueses que possuíam apenas de 250. As estas obetas als comais comuns.

João de Mascarenhas, comandante de Diumas solicitous reforços astD. João; de Castro, es este aso enviou ulma pequeña expedição chefiada pobos seu fovem filho, Fernando de Castro. O jovem se comandante, de apenas 19 anós tinha ordense a de seu pai de defender Diu, a todo custo. Ao despedir-sé do filho DJoão falou-lhe \*Eu vos mando, meu filho, com estes 200 soldados, para uma cidadeninteiramente cercada pelos turcos. No equeratoca da vossar pessoa não afico dos preocupado: por cada pedra daquela fortalezación arriscaria a vida de umofilho se Sedo filho nes conseguiu romper o bloqueio e juntar-se aos sitiados, mas; em uma exptosão de minatveio aclos falecerols 46.00° -133 inglés. openente

ECom® dinheiroscoletado, armquasebrúma aim esquadra de 40 naus que, sobra chéfia de Álvaronco de Gastro, outro filho de Didoão, foi æm auxilios so dos sitiados Portim, o próprio Didoão apareceu co diante da cidade cóm outra esquadras Asparadas estava ganha Após alguns dias, os portugueses an eram vitoriosos, mais oper los electros ascorti

Masoarestavar reconstruiro Diud Tsudo mela nos estava arrasado. Esta necessário um empréstimo as il de 20 mil pardadis de Goa para la réconstrução esto Mas, que garantias podería Ditoão oferecer pelo aup empréstimo? Elemada tinha a oferecer. Pensou ele lema dar econog garantia los essos do filho as morto, mas elestado de corpo não comportava de

tal oferta. Mandou, então, um fio de barba como garantia de que o dinheiro emprestado seria totalmente reembolsado.

O senado de Goa atendeu aos apelos de D.João de Castro elhe enviou os 20 milipardaŭs parada a reconstrução ndes Dium Devolveu-lhe, com porémporándo de sua barba. Parados goensesa empalavra de D.João era mais do que suficiente sua mais do que su ficiente su fi

"Que levexemplos comaravilhosos!" par Dirásvella alguéma d'Mas que pena que a ostatempos mudaramo talvez tàmbém o diga. Como de la participa de la compositativa del compositativa de la compositativa del compositativa de la compositativa de la compositativa del compositativa del compositativa de la compositativa de la compositativa del compositativa del compositativa de la compositativa del compositati

Deus pão muda. E aquilo que foi bomo o ontem, é bom hoje; e assim o será parastodo o se sempre. Comecemos nós a ser fiéis a stoda de palavra de legitimamente, dada de ese ademais admiremos caqueles que ainda aboje eprezam sobremaneira a palavra dada.

esforcemo-nos em ser, nesse aspecto, como em todos outros modelos e exemplos que façam novamente um fio de barba valer pela palavra empenhada.



"ANTES MORRERIQUE PECAR "A ACTION (São Domingos Sávio)

### O Quarto Rei Mago



"... vimos a sua estrela no oriente e viemos adorálo." (S.Mateus, II,1)

Quando a Estrela apareceu iluminando, com sua luz nova, o céu do Oriente, os Magos souberam que o momento, o grande momento havia chegado. Céleres cavalos cruzaram os desertos, campos e vales do oriente, levando mensagens urgentes de um rei para outro rei: "Chegou o momento! Nasceu o Rei dos Judeus, vamos adorá-lo!" E combinaram encontro no grande oásis de Aspanvar, à sombra da Maior das Árvores, de onde partiriam juntos, para juntos chegarem Àquele que seria o Rei dos Reis.

O velho e sábio rei Tifan, ao ver a Estrela, e depois, ao receber os emissário, percebeu que sua velhice não permitiria que ele fizesse aquela viagem. De bom grado ele iria, e morreria no caminho se preciso fosse, mas temia que se perdesse o presente que há seiscentos anos seus antepassados guardavam para quando chegasse o Momento: a espada de Davi, trazida por um discípulo do profeta Jeremias para o catíveiro da Babilônia, e que deveria ser devolvida ao Leão de Judá, da família do próprio Davi.

Não eram vão os temores do velho rei. Naqueles mesmos dias, sentiu ele que a morte se aproximava. Chamou então seu filho e seu herdeiro, o jovem príncipe Nabor, e lhe disse: "Meu filho, a maior herança que lhe deixo não é o reino, mas a espada de Davi. É preciso que essa espada seja entregue ao seu verdadeiro dono, aquele que esmagará definitivamente o mal. Vá, encontre os outros magos, e com eles, encontre o grande Rei." E dito isso, o velho monarca faleceu.

Mas não foram apenas os magos que viram a estrela. Quando ela surgiu, o ídolo do deus Amon, aquele mesmo ídolo que alguns sacerdotes judeus adoravam secretamente no subterrâneo do templo, soltou de suas entranhas um rugido de ódio e desespero. Bramindo, o demônio que o habitava ordenou a seus asseclas que matassem aquele Menino cujo nascimento a estrela vinha anunciar. E ao

mesmo tempo lhes deu uma ordem misteriosa: que fossem ao oásis de Aspanvar, e destruíssem a grande árvore que lá crescia. Uma lenda antiquíssima dizia que essa árvore havia sido plantada por Adão e Eva, com uma semente trazida do Paraíso Terrestre. E de uma forma confusa, o demônio sentia que algo nessa árvore existia, que seria o instrumento de sua derrota. E naquela mesma noite, uma caravana de sicários e assassinos galopava para o Oásis de Aspanvar.

Os funerais do pai atrasaram o príncipe Nabor. E quando sua caravana chegou ao oásis de Aspanvar, encontrou apenas alguns servos deixados pelos Magos, com um recado: haviam seguido viagem. Que ele os encontrasse em Jerusalém, na corte do Rei dos Judeus.

Disposto a não perder mais tempo e com esperanças de alcançar os magos ainda no caminho, Nabor decidiu que continuariam a viagem na manhã seguinte, e que portanto nem mesmo armariam acampamento. Dormiriam aquela noite ao relento, debaixo daquela imensa árvore cujos galhos mais altos pareciam atingir as nuvens, douradas pelo pôr do sol. E já anoitecia quando Nabor, depois de inspecionar e animar todos os seus homens, desceu de seu cavalo e se dirigiu ao sopé da árvore, onde um servo havia estendido um tapete e acendido um braseiro. Antes de se assentar, o príncipe desafivelou o cinto da espada, da preciosa espada de Davi, que trazia sempre consigo, osculou-a como seus antepassados sempre fizeram, e a dependurou num dos galhos mais baixos da árvore.

Então, a maravilha aconteceu. Repentinamente, toda a árvore começou a brilhar. Era um brilho tênue e profundo, como se milhões de vaga-lumes houvessem pousado sobre todos os seus galhos, sobre cada uma de suas folhas. Encantados com aquele esplendor, o príncipe e seus servos foram se afastando, formando um grande círculo ao redor da árvore, para verem melhor. E foi então, quando estavam absortos na contemplação daquelas luzes, que os assassinos enviados pelos sacerdotes judeus saíram da noite e os atacaram, em meio a gritos de ódio e de furor. Em meio ao tumulto, Nabor entreviu um homem com o rosto rasgado por uma cicatriz grotesca que descia da testa ao queixo, e que comandava aquela corte de bandidos. Embora lutasse como um tigre, Nabor foi atingido por uma pancada, e largado ao solo, dado por morto. Voltou a si com o ruído imenso que fez a grande árvore ao cair, abatida pelos machados. Viu perto de sua mão uma semente, grande como uma castanha, que emitia um brilho suave. E ainda, teve forças para a pegar, antes de desmaiar

Quando pela segunda vez despertou, o sol já ia alto. Todos os seus servos estavam mortos. Os galhos, troncos e sementes da árvore ardiam em uma imensa fogueira. E a sua espada, a espada de Davi, a espada do Rei dos Judeus, havia desaparecido. Restavam-lhe as roupas rasgadas e os ferimentos, e foi assim, andrajoso e trôpego, confundindo-





se com a multidão dos peregrinos pobres, que o principe Nabor, meses depois, subia o monte sobre o qual repousa a cidade de Jerusalém. Vagueou pela cidade santa, surpreso de que ninguém comentasse a respeito do novo Rei dos Judeus, que havia nascido. Conversou com os mendigos e doentes que se ajuntavam à beira da piscina probática, ao lado do templo, e soube por um deles, um aleijado que lá estava há já seis anos, que uns Magos realmente haviam estado na cidade conversando com Herodes, mas que logo depois partiram, ao que parece em direção à vizinha aldeia de Belém. Depois, em tom mais baixo, e olhando desconfiado para os lados, o paralítico ajuntou: "mas não vá a Belém. Hoje Herodes convocou todos os soldados, e comenta-se que amanhã ele irá cercar a aldeia, para encontrar e matar uma criança que - dizem - deverá ser o futuro rei."

Pouco mais de duas horas depois, Nabor chegava às primeiras casas da aldeia de Belém. Fizera correndo o percurso desde Jerusalém. Precisava encontrar o Menino e avisar seus pais do perigo que corriam. Mas onde eles poderiam estar? Na aldeia não se via nenhum palácio, nem casa importante... Perguntaria a alguém...

Extenuado pela corrida e pelo calor, o príncipe se aproximou de um poço, com a intenção de matar a sede e descansar um pouco. Entardecia. O ar estava dourado, e uma brisa fresca começava a soprar. Nas ruas, as crianças brincavam, tocando flauta e dançando. Algumas mulheres, que preparavam a refeição em frente às suas casas, o olhavam com curiosidade. E foi então, quando se abeirava do pequeno poço de pedra que abastecia a aldeia, que Nabor viu a Senhora. Era uma jovem mulher, que tinha vindo ao poço buscar água, e que trazia às costas o seu Filhinho, à maneira de todas as mulheres judias. Talvez aos outros parecesse uma camponesa comum. Mas Nabor era um príncipe e sabia reconhecer uma rainha, quando via uma. E aquela mulher era sem dúvida uma rainha. Tão impressionado ficou que nem percebeu que a senhora,

vendo o seu cansaço, lhe oferecia a bilha de água. Depois, agradecido, tomou da água e bebeu, copiosamente, jogando a cabeça para trás, e deixando que a água refrescante lhe escorresse pelos lábios, e pelo rosto. À sua frente, a Senhora sorria e esperava, brincando com o Filhinho. Foi apenas quando acabou de beber, e devolvia a bilha, agradecido, que Nabor reparou no Menino. E teve certeza de que havia encontrado o seu Rei.

Era um Menino belo como um relâmpago, e sentado no colo de uma mãe, parecia reinar sobre todo o universo. E, ao mesmo tempo, era também um Menino que sorria, brincava e batia as mãos, como todos os outros bebês do mundo. E, naquele instante, as mãozinhas se estendiam para Nabor, como querendo pegar, como querendo brincar.

Apalpando os trajes rasgados, Nabor encontrou aquela bela semente do tamanho de uma castanha, que havia salvo da árvore destruída. Ela ainda guardava um pouco de seu brilho, e Nabor a ofereceu ao Menino, que a pegou, e bateu as mãos com tanta energia que uma pontinha da semente arranhou de leve sua palma, fazendo aflorar uma gotinha de sangue, que a semente absorveu. O menino não chorou, mas se tornou sério. A Senhora devolveu a semente a Nabor, e beijou as palmas do tilho. Depois sorriu novamente, tomou a bilha de água e se afastou.

Anoitecia.

Confusamente, Nabor percebeu que algo de muito importante havia acontecido, mas não sabia o quê. Deveria ter avisado a mãe do perigo que a criança corria, mas ficara tão absorto que se esquecera. Mas dormiria ali, e logo pela manhã se informaria onde estava a Senhora e a criança. E os levaria para um lugar seguro, para seu reino, no Oriente.

Na manhã seguinte, Nabor encontrou a Gruta, mas já não havia ninguém lá. Um pastor que passara a noite em vigília lhé disse que a Senhora e o Menino haviam abandonado a aldeia à noite, protegidos por um guardião semelhante a um príncipe guerreiro, chamado José. Entristecido, mas tranqüilizado quanto à segurança do Menino, Nabor voltou ao poço. Queria ordenar suas idéias, e decidir o que faria a seguir.

Enquanto pensava, Nabor revivia aqueles momentos da tarde anterior, que haviam sido os mais felizes de sua vida: a Senhora, o Menino, aquelas mãozinhas se agitando...

A semente! Nabor a havia esquecido. Procurou-a nas dobras de seu manto, e quando a examinou teve uma surpresa: a semente estava brotando. Naquela pontinha, que havia arranhado a palma do menino, agora surgia um broto, uma folhinha em forma de estrela, e que brilhava como um vaga-lume em noite de verão. Para que a árvore pudesse crescer, Nabor a plantou com cuidado ali ao lado do poço, onde a umidade nunca iria faltar. E levantava um abrigo de pedras para proteger a semente, quando ouviu um grito de desespero na entrada da aldeia. Um camponês em fuga passou por ele, contando que os soldados de Herodes estavam matando todas as crianças, de dois anos para

baixo. E quem os comandava era um homem terrivel, com numa grande cicatriz que descia da testa ao queixo.

Todas as crianças da aldeia! Indignado com aquela infâmia, Nabor resolveu lutar e defender aqueles inocentes, como se cada um deles fosse o seu rei. E repentinamente, os soldados de Herodes perceberam que aquela matança não iria ser tão fácil como lhes parecera. Um tigre havia surgido à sua frente. Armado primeiro de um bastão nodoso, e logo depois da espada de um dos soldados mortos, Nabor lutou com uma fúria calculada, formando em seu redor um círculo de corpos feridos e sangrentos.

Mas os soldados eram muitos, Nabor estava só, e a luta finalmente terminou. Ferido, contundido e sangrando, Nabor foi finalmente dominado, amarrado e atirado ao solo, cercado pelos soldados enfurecidos. Iriam torturá-lo até a morte, mas foram impedidos pelo homem da cicatriz: "Temos um trabalho a fazer. Esse homem, nós o enviaremos para as minas de chumbo, onde as pessoas morrem bem lentamente, e de onde nunca ninguém voltou". Dizia isso brandindo a espada, tinta de sangue inocente. E então, Nabor viu aquela que era a sua espada, a espada do rei Davi. Agora ele tinha razão para voltar.

As minas de chumbo de Eburacum, na Bretanha Inferior, eram um lugar tão insalubre e maldito que nunca houvera escravo condenado a trabalhar, naqueles túneis úmidos e envenenados, que suportasse mais que algumas dezenas de meses antes de morrer. O príncipe Nabor sobreviveu, lá dentro, mais de trinta anos. O que o mantinha vivo era a vontade de cumprir sua missão: encontrar a espada de Davi e entregá-la a seu Rei. Não sabia como iria fugir, nem como atravessaria o Império Romano de um extremo ao outro, nem como iria encontrar o homem da cicatriz. E depois, não sabia onde iria encontrar aquele Rei e aquela Rainha que vira no mais beld dia de sua vida. Mas os encontraria. A lembrança daquele encontro, do sorriso da Senhora e das mãozinhas do Menino, lhe dava alento, e a certeza de que Deus, de alguma forma, o haveria de ajudar. Enquanto isso, ele praticava o bem, ajudando e aconselhando os companheiros de infortúnio, e mostrando-lhes como aquele sofrimento poderia reverter em bem para si e para os outros. E esperava, alerta, a oportunidade que Deus certamente lhe iria dar.

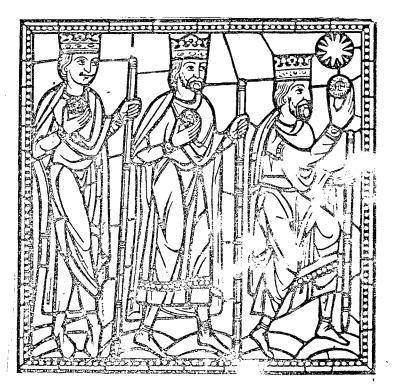
Um dia, um novo arrepio de horror percorreu aqueles escravos embrutecidos. No mais profundo das galerias, quando os guardas se distraiam, murmurava-se sobre o novo feitor que havia chegado. Um homem tão ruim, diziam, que os próprios governantes romanos o temiam, e para se livrar dele, o haviam enviado para aquele fim de mundo. Diziam que se divertia matando crianças... e que tinha uma enorme cicatriz que descia da testa ao queixo, rasgando o olho...

Nabor ouviu aquilo, e sorriu. Deus o havia ajudado.

Al-Fhassur, o guarda pessoal do feitor, nunca conseguiu explicar direito o que havia acontecido naquela noite. Seu patrão havia se deitado e, como sempre, demorara para dormir, atormentado que era por visões de

crianças e de sangue, Ele, o guarda, se deitara na soleira da única porta, depois de verificar se a única janela estava bem trancada. E acordara de madrugada, com a cabeça doendo, amarrado e amordaçado. Viu o feitor sobre o leito, amarrado também, sem mordaça, mas calado, com os olhos fixos na adaga que repousava sobre sua garganta. E quem segurava a adaga era um homem alto, de cabelos grisalhos, vestido como os escravos das minas, que estava de pé, ao lado do leito. E o homem inquiria seu patrão sobre uma espada, a espada de seu Rei... e o feitor, por sua vez, respondeu que lhe contaria da espada se, jurando pelo seu Rei, o homem alto o deixasse viver... E falou sobre um esconderijo, nos subterrâneos do templo de Jerusalém, onde o demônio era adorado, e onde a espada ficou... e depois a lâmpada de óleo fora apagada... e um berro se ouviu no escuro... e quando os guardas de fora arrombaram a porta. encontraram apenas a ele amarrado e o feitor amarrado também, sem nenhum ferimento, imóvel, com o único olho arregalado. Morrera de pavor.

Trinta e três anos depois da primeira vez, o príncipe Nabor voltava a subir o monte sobre o qual repousava a cidade de Jerusalém. Como antes, vinha para trazer um presente ao seu Rei. Durante a grande viagem que fizera, da Bretanha até ali, ouvira falar cada vez com mais freqüência de um homem chamado Jesus, que nascera em Belém, que curava, que ensinava a Verdade e a quem os escribas e fariseus odiavam. E, por esses sinais, reconhecera que esse homem era o seu Rei. Quar no desembarcou em Cesareta, soube que Jesus estava em Jerusalém. E agora, enquanto subia o monte, cogitava que lá no alto estavam os dois objetivos de toda a sua videspada de Davi e Jesus, seu Rei e filho de Davi.



Entardecia.

Era por volta de três da tarde. Estranho que, em pleno período da Páscoa, as ruas estivessem tão desertas... O que estaria acontecendo?

Impetuosamente, Nabor entrou nos edificios do Templo, disposto a esmagar qualquer pessoa que o quisesse impedir. Mas... Não havia ninguém. Todos aqueles pátios e salas estavam desertos. Lá fora, os céus começaram a escurecer. O vento, soprando mais e mais forte, entrava impetuoso, escancarando as portas, e derrubando os grandes candelabros de bronze. O chão começou a tremer.

Correndo de sala em sala, entre as paredes que tremiam e que lascavam, Nabor chegou a um salão riquíssimo, dividido por uma cortina enorme, bordada de ouro e de púrpura. Era o Véu do Templo, que separava o Santuário do Santo dos Santos, o mais sagrado lugar dos judeus.



E então, diante dele, o Véu do Templo se rasgou. Gemendo como um animal agonizante, partiu-se de alto a baixo, com um rasgão em forma de raio, que se espalhava para os lados, e reduzia tudo a farrapos, a lixo, a pó. E, atrás do Véu rasgado, uma porta secreta estalou e voou de seus gonzos, deixando à mostra a escada que conduzia aos subterrâneos. Correndo, o príncipe desceu, enquanto as lages oscilavam sobre sua cabeça. E lá nas profundezas, exatamente embaixo do Santo dos Santos, viu um altar todo negro diante de uma figura com cabeça de bode. E viu, presa à parede, do outro lado da sala, a espada de Davi, enegrecida de sangue coagulado. As lages do teto começaram a cair.

Nabor correu para a espada. Mas, quando a alcançava, um tremor mais forte o atirou para trás. À sua frente a parede se rachou, deixando entrar a luz de fora. Por um instante, a espada pareceu ficar parada no ar. Depois, caiu dentro de uma rachadura fumegante que se abrira no solo e que logo em seguida se fechou.

Ainda atordoado pelo choque, Nabor imaginava a espada no mesmo local. Mas logo viu seu engano. A parede desabara, e lá fora os relâmpagos iluminavam a escuridão. E aquilo que ele imaginara ser a espada, era na verdade o vulto de algo erguido sobre o monte ao lado. O vulto de uma Cruz.

Temendo que todo o templo desabasse, Nabor saiu pela própria abertura da parede. E, seguindo em frente, em meio do vento que soprava e à tempestade que rugia, foi subindo o monte da cruz. Muitas pessoas fugiamespavoridas. Outras porém, serenas, olhavam para o Homem Crucificado, e pareciam rezar. Aproximando-se mais, Nabor leu a tabuleta: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus".

Era o seu Rei! Passara toda a vida em busca de seu Rei e da espada, e num mesmo momento, perdera os dois! Mas então, porque Deus o inspirara e sustentara todos aqueles anos? Se não era para entregar o seu presente, sua vida havia sido em vão... Confuso, sem saber o que pensar, Nabor se voltou... e viu, ao seu lado, a Senhora.



Era Ela mesma, não havia dúvida. De pé, amparada por um jovem, ela contemplava seu Filho crucificado. Era tão bela em sua dor, que o vento parecia não A tocar. Nabor falou ao jovem, e lhes ofereceu seus préstimos, seu auxílio. Chorando, contou quem era, e de como não conseguira trazer o presente de seu Rei. E o jovem o trangüilizou, explicando que aquilo não era o fim, mas o início. Daquela Cruz nascera a salvação para todos os homens. Então, Nabor se ajoelhou, e apoiou sua fronte no lenho, por onde o Sangue escorria. E, quando seus olhos se aproximaram, percebeu que num pontinho daquele tronco estava nascendo um broto, uma folhinha em forma de estrela, que no meio da tempestade, brilhava como um vaga-lume em noite de verão. Comovido, Nabor entendeu a razão de toda a sua vida. Seu presente há muito havia sido entregue. A espada que dera a seu Rei fora o lenho da Cruz...



Há dez anos, em 10/12/1996, Deus chamou para si, nosso amigo e colaborador, **Jair Agenor Ribeiro**, o **Jairzinho**.

Pedimos aos nossos leitores suas orações por sua alma nos dez anos de sua morte.